

O *Que Quer uma Mulher?* inicia com uma segunda pergunta: "O que posso saber disso?" O homem Sèrge André situa-se assim como mais um a se interrogar sobre o enigma da feminilidade. A questão assim formulada nos estimula a leitura, pois ao se perguntar sobre suas possibilidades nos alerta sobre os engodos, as ilusões das quais tentou escapar. Suas palavras: "O saber psicanalítico não funciona em posição de verdade, a não ser na medida em que opera como saber furado, afetado por uma falha central, o que determina o estatuto da verdade enquanto semidizer. A psicanálise não permite saber tudo porque o inconsciente não diz tudo" (pág. 10). Ai se situa a preocupação central dessa obra, o estudo da feminilidade enquanto representação maior na psicanálise do inconsciente "não todo".

Permanentemente fiel a essa idéia, André percorre o tema da feminilidade em Freud e Lacan num trabalho onde nenhum pensamento inovador se apresenta, e, no entanto, tem-se a impressão de estar diante de algo novo. Talvez isso se deva em parte à clareza com que desenvolve os argumentos, sem incorrer, em nenhum momento, no que poderia ser tomado como simplificação ou banalização da questão.

Mantendo-se, como dissemos, coerente com sua fala

As "Evas" da psicanálise

Comentários a partir da leitura da obra de Sèrge André, *O Que Quer uma Mulher?*, tradução de Dulce Estrada, Editora Jorge Zahar, 1987, 295 páginas.

sobre o saber psicanalítico e sobre o saber do inconsciente, André se debruça sobre o caminho de Freud, reconhecendo a verdade contida nos impasses e equívocos, que são permanentemente ressignificados e atualizados, no trabalho cauteloso que se efetua no divã, onde nada é demolido mas redescoberto.

Nesse debruçar inspira-se em Lacan, nem por isso deixando de mostrar sua própria leitura e articulação.

Quando Irma, Elizabeth, Dora, Ema, as "Evas" da psicanálise se oferecem a Freud e o instigam a morder o fruto, elas lhe dirigem a pergunta "O que quer a mulher?" Ele aceita (diríamos hoje, ingenuamente) o desafio e passará longos anos de sua vida buscando a resposta a essa questão. Acompanhando Freud nesse percurso, André realçará quatro temas: a noção de bissexualidade, o conceito de libido, o da diferença dos sexos, a divisão do sujeito e o tornar-se mulher, mostrando como Freud se crê às voltas com a mesma dificuldade: encontrar sempre o homem onde busca a mulher. Para uma Dora, rapaz que se interroga diante da estação ele responderá: "Você quer ter um filho".

Com uma busca incessante da raiz — e assim deve ser o trabalho em psicanálise, uma vez que o inconsciente é absolutamente radical no que diz

— o autor se dirige à obra freudiana permitindo-nos repensar os conceitos de recalque, trauma, posterioridade, fazendo articulações que Freud não pôde fazer.

As contribuições de Lacan darão continuidade ao tema e muito acrescentarão à compreensão da questão da feminilidade. A alteração da pergunta freudiana de *O que quer a mulher para o que quer uma mulher*, uma vez que a mulher não existe enquanto registro no inconsciente, redimensiona o problema.

A distinção entre dois tipos de gozo (gozo fático e gozo do Outro) permitirá por um lado pensar na instância do feminino como não toda submetida à lei fálica, à lei do significante, portanto não toda sujeito do inconsciente. Por outro lado instigará outra inquietante pergunta: sendo uma mulher não toda analisável, já que não toda sujeito do inconsciente, como se dará a clínica psicanalítica das mulheres? Quando o analista propõe ao paciente que fale, o *ser falante* é solicitado, ou seja, o homem. De volta estamos, então, ao impasse freudiano: resta à mulher, enquanto sujeito do

inconsciente, o lugar de homem.

Nesse momento nos diz o autor: "Eis ao que ela se resumiria se Lacan não indicasse pelo termo que ele escreve como S(A), que o próprio inconsciente é não todo, e que por conseguinte, a resposta do analista não pode ser toda fálica. Lacan, nesse ponto, se destaca sutilmente da posição freudiana". Relembramos aqui a interpretação de Freud a Dora, atribuindo-lhe o desejo de ter um filho do Sr. K. ele lhe fornece uma resposta duplamente fálica: no conteúdo do desejo atribuído à paciente e no lugar de escuta em que se coloca. Qual destino essa análise teria se Freud pudesse ter silenciado não sabemos, mas certamente seria outro.

Essa contribuição de Lacan possui a sutileza de uma intervenção psicanalítica: seus efeitos ecoam em lugares imprevisíveis, obrigando a repensar.

O mesmo diríamos do livro de Sèrge André.

Marcia Arantes

Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.